



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MÁRCIA GABRIELE ALVES

**“VOCÊS GOSTAM DE MINA QUE FALA IGUAL HOMEM?”: IDEOLOGIAS DE
LINGUAGEM, IDEOLOGIA MACHISTA E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA NA
PÁGINA @AGESSICAFERREIRA**

**PATU - RN
2025**

MÁRCIA GABRIELE ALVES

**“VOCÊS GOSTAM DE MINA QUE FALA IGUAL HOMEM?”: IDEOLOGIAS DE
LINGUAGEM, IDEOLOGIA MACHISTA E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA NA
PÁGINA @AGESSICAFERREIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte – UERN, como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciada em Letras - Língua Portuguesa
e Respectivas Literaturas.

**Orientadora: Prof.^a Dra. Aline Almeida
Inhoti**

Linha de pesquisa: Linguística Aplicada

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A474v Alves, Márcia Gabriele
 "Vocês gostam de mina que fala igual homem?":
 ideologias de linguagem, ideologia machista e práticas de
 resistência na página @agessicaferreira. / Márcia Gabriele
 Alves. - Patu - RN, 2025.
 23p.

Orientador(a): Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti.
Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação
em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. ideologias de linguagem. 2. ideologia machista. 3.
Instagram. 4. Linguística Aplicada. 5. práticas de
resistência. I. Inhoti, Aline Almeida. II. Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

MÁRCIA GABRIELE ALVES

“VOCÊS GOSTAM DE MINA QUE FALA IGUAL HOMEM?”: IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM, IDEOLOGIA MACHISTA E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA NA PÁGINA @AGESSICAFERREIRA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovado em: 25/11/2025.

Banca examinadora

Aline Almeida Inhoti

Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti – Orientadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Marlene Niehues Gasparin

Profa. Dra. Marlene Nieuhes Gasparin
Universidade do Estado do Paraná – UNESPAR

Luciana Fernandes Nery

Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

“VOCÊS GOSTAM DE MINA QUE FALA IGUAL HOMEM?”: IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM, IDEOLOGIA MACHISTA E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA NA PÁGINA @AGESSICAFERREIRA

Márcia Gabriele Alves¹
Aline Almeida Inhoti²

RESUMO

O presente estudo objetiva investigar de que maneira as ideologias de linguagem associadas à ideologia machista são mobilizadas na página do Instagram *@agessicaferreira*. Inserido no paradigma qualitativo, de natureza descritiva e interpretativista (Matias-Pereira, 2019), ancoramo-nos nos pressupostos teóricos da Linguística Aplicada Indisciplinar contemporânea (Moita Lopes, 2006) articulada às contribuições de Gal e Irvine (2019) e Moita Lopes (2013, 2021) para compreender a materialização do signo linguístico e os processos semióticos: rematização, recursividade fractal e apagamento, responsáveis por construir e estabilizar as ideologias de linguagem. Considerando as interseccionalidades entre língua, gênero e raça, nos debruçamos na ótica de hooks (2004; 2015); Butler (2008). O *corpus* é composto por três *reels* postados na página *@agessicaferreira* – mulher negra e feminista, que ressignifica o espaço midiático a partir de uma linguagem política contestadora. Os resultados evidenciam que, por meio de uma linguagem humorística e carregada de sarcasmo, principalmente pelas teorias da Incongruência e da Superioridade (Tabacaru, 2015), esse perfil digital suscita práticas de resistência ao tensionar e descredibilizar discursos dominantes, subvertendo, assim lugares de submissão, marginalização e apagamento historicamente impostos à mulher negra.

Palavras-chave: ideologias de linguagem; ideologia machista; *Instagram*; Linguística Aplicada; práticas de resistência.

ABSTRACT

The present study aims to investigate how language ideologies associated with sexist ideology are mobilized on the Instagram page: “@agessicaferreira”. Within a qualitative paradigm and with a descriptive and interpretative nature (Matias-Pereira, 2019), we anchored ourselves on the assumptions of contemporary Interdisciplinary Applied Linguistics (Moita Lopes, 2006) articulated with the contributions of Gal and Irvine (2019); Moita Lopes (2013, 2021) to understand the materialization of the

¹ Graduanda em Letras- Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: marciagabriele@alu.uern.br.

² Doutora em Letras, linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem (UEM). Mestre pelo Programa de Pós- Graduação em Letras, pela Universidade do Estadual de Maringá. Graduanda em Letras Português/Inglês- Licenciatura Plena na mesma instituição. E-mail: alineinhoti@alu.uern.br.

linguistic sign and the semiotic processes: rhematization, fractal recursion, and erasure, responsible for constructing and stabilizing language ideologies. Considering the intersectionalities between language, gender, and race, we focus on the perspective of hooks (2004; 2015); Butler (2008). The *corpus* consists of three *reels* posted on the page “@agessicaferreira” – a black feminist woman which re-signifies the media space through a challenging political language. The results show that through humorous language and full of sarcasm, mainly through the theories of Incongruence and Superiority (Tabacaru, 2015), this digital profile elicits resistance practices by challenging and discrediting dominant discourses, thus subverting places of submission, marginalization, and erasure historically imposed on black women.

Keywords: language ideologies; sexist ideology; Instagram; Applied Linguistics; practices of resistance.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as interações sociais vêm sendo ressignificadas no espaço cibernético. Nesse universo virtual, mais amplo e veloz, nota-se a presença de disputas simbólicas decorrentes dos diversos posicionamentos ideológicos existentes. Dentro desse panorama, o *Instagram*³ se apresenta como uma das redes sociais digitais eleita por milhões de usuários para promover manifestações de discursos machistas que, associados às ideologias hegemônicas, promovem atos sexistas e misóginos. Em oposição, práticas de resistência, subsidiadas pela linguagem humorística marcada pelo sarcasmo, são percebidas na tentativa de tensionar e desacreditar discursos dominantes.

Posto isso, ressalta-se que a linguagem não atua apenas como uma via de comunicação neutra, mas como um elemento responsável por moldar construtos sociais, mantendo hierarquias ou questionando-as. Nessa perspectiva, este estudo ancora-se na área da Linguística Aplicada Indisciplinar contemporânea (Moita Lopes, 2006), buscando compreender a linguagem a partir de um viés não estruturalista. Assim, torna-se urgente investigar contextos reais, situados e contemporâneos de uso da linguagem, no que diz respeito ao posicionamento histórico, sociocultural, político e econômico dos falantes de uma dada língua.

Considerando o estado da arte realizada, a relevância desta pesquisa se sustenta em três eixos: acadêmico, social e pessoal. No âmbito acadêmico, constatou-se a escassez de trabalhos no curso de Letras – Língua Portuguesa, especificamente na área da Linguística Aplicada, que estabeleçam relações entre ideologias de linguagem e ideologia machista em contextos interacionais como o *Instagram*. Na esfera social, o machismo configura-se como um problema de utilidade pública, o que evidencia a urgência em incluir essa temática no meio acadêmico. Por fim, enquanto mulher inserida em uma estrutura familiar machista, compreender de que maneira a linguagem atua para fortalecer ou tensionar essa ideologia torna-se essencial.

³ De acordo com dados divulgados pela Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil - Santa Catarina (ADVB/SC, 2024) da profissional de Marketing digital Fernanda Luchi, o *Instagram* tem sido a segunda rede social digital mais utilizada no país, ficando atrás apenas do WhatsApp.

Diante disso, o *corpus* desta pesquisa constitui-se pela análise de *reels*⁴ postados na página do *Instagram* @agessicaferreira, que utiliza uma linguagem humorística e carregada de sarcasmo como estratégia discursiva. A referida página é administrada por Gessica Ferreira – mulher negra e feminista –, que assume características fenotípicas⁵ oriundas de sua raça. A criadora de conteúdo digital suscita tentativas de resistência aos padrões estabelecidos socialmente a mulher, uma vez que rompe com performances linguísticas/semióticas tradicionalmente direcionadas a essa classe de gênero, como também tensiona o lugar de submissão racial imposta pelo racismo. Como afirma hooks (2015), a mulher negra sempre esteve em situação de exclusão e opressão social, ocupando uma posição historicamente inferiorizada em relação a outros grupos.

Nessa perspectiva, busca-se compreender de que maneira as ideologias de linguagem são construídas e mantidas nas práticas enunciativas. Assim, analisam-se os três processos semióticos interligados propostos por Gal e Irvine (2019): I) rematização, II) recursividade fractal e III) apagamento. Segundo as autoras, é por meio das diferenciações e comparações que grupos, povos e pessoas são inferiorizados, marginalizados e, em última instância, apagados da sociedade. No contexto do *Instagram*, é possível observar como grupos hierárquicos se sobrepõem a grupos minoritários, e como essa hierarquia é repetida em escalas cada vez menores, permitindo compreender as interseccionalidades entre língua, gênero e raça.

Posto isso, é possível deduzir que as ideologias de normatização linguística atuam em conjunto com os discursos machistas compartilhados pela página @agessicaferreira e a ideologia de diversidade da linguagem possibilita tensionamentos e práticas de resistência a estes discursos. Com base nessa ideia, apresenta-se as seguintes questões: i) Como as ideologias de linguagem e a ideologia machista são mobilizadas nos *reels* da página @agessicaferreira? ii) De que maneira a linguagem, por meio do sarcasmo, promove práticas de resistência ao machismo?

Para obter respostas a tais indagações, o presente artigo tem como objetivo principal investigar como as ideologias de linguagem, associadas com a ideologia machista, são mobilizadas em *reels* da página @agessicaferreira. Os objetivos específicos são: i) identificar as ideologias de linguagem e ideologia machista nas postagens da página @agessicaferreira; ii) compreender o modo como a linguagem, a partir do sarcasmo promove práticas de resistência nas postagens de @agessicaferreira; iii) analisar como as ideologias de linguagem e a ideologia machista são mobilizadas nos *reels* dessa página do *Instagram*.

Metodologicamente, esta pesquisa insere-se no paradigma qualitativo, de natureza descritiva e interpretativista (Matias-Pereira, 2019), tomando como fenômeno analítico a mobilização de ideologias de linguagem, associadas à ideologia machista, em *reels* da página @agessicaferreira. Para isso, foram selecionados três *reels*. Como critério de escolha, priorizaram-se conteúdos que expõem a desvalorização de mulheres com base em supostos “erros linguísticos” ou em performances consideradas “inadequadas” às expectativas patriarcais de

⁴ A escolha da modalidade *reels* justifica-se por seu grande alcance e engajamento, assim, com vídeos curtos e ao combinarem recursos multisemióticos como som, imagem e texto atendem as demandas imediatistas dos usuários do *Instagram*.

⁵ As características fenotípicas são compreendidas como manifestações observáveis em um organismo (ser vivo), resultantes da interação entre sua constituição genética e os fatores ambientais. Como exemplo, destacam-se a cor da pele, cor dos olhos, tipo de cabelo, altura etc.

feminilidade. A análise dessas postagens, evidenciam como a linguagem humorística carregada de sarcasmo, apresenta-se como estratégia de resistência aos discursos machistas, especialmente aqueles legitimados pela normatização da linguagem.

Como embasamento teórico, esta pesquisa recorre, inicialmente, aos estudos de Moita Lopes (2006), que discutem a Linguística Aplicada Indisciplinar na contemporaneidade. Para compreender as ideologias de linguagem e seus processos, a investigação utiliza os estudos de diferentes teóricos, tais como Gal e Irvine (2019), Biondo (2019), Biondo e Buin (2021), Moita Lopes (2013; 2021), Heller (2010), Inhoti (2022), Silva (2019) e Rodrigues e Nascimento (2020). No que se refere à escrita científica, a pesquisa se apoia em Matias-Pereira (2019) como subsídio metodológico. Para discutir questões de gênero, raça, feminismo e patriarcalismo, estabelece diálogo com as contribuições de hooks (2004; 2015), Butler (2008) e Beauvoir (1970). Como subsídio para compreender o sarcasmo enquanto prática de resistência, recorre a Tabacaru (2015), e, para fundamentar os entendimentos acerca das mídias sociais, a Trindade (2022) e Lévy (2011).

2 “ACHO QUE ELES PREFEREM QUE FALEM O MESMO IDIOMA, NÉ?”: IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM

Refletir acerca dos aspectos ideológicos de uma dada língua significa considerá-la para além de um código viabilizador da comunicação. Assim, a linguagem está imbricada na história, na cultura e na identidade dos sujeitos falantes. Ademais, é importante destacar que as ideologias de linguagem não devem ser concebidas de maneira reducionista como simples “crenças”. Seu conceito apresenta maior complexidade, conforme afirma Inhoti (2022, p. 51): “diferentemente de crenças, ideologias de linguagem não são ideias individuais. São visões, percepções sociais sobre a linguagem”. Nessa mesma direção, Gal e Irvine (2019) afirmam que as ideologias de linguagem são perspectivas situadas e parciais sobre o mundo. Desse modo, não são consideradas totalmente verdadeiras ou falsas.

Para Gal e Irvine (2019), as ideologias de linguagem são construídas e mantidas com base em aspectos sociais e históricos de grupos linguísticos. Assim, a normatização que é legitimada para alguns grupos como “falar correto” pode não representar a mesma “verdade” para outros. Nessa perspectiva, “ideologias linguísticas envolvem [...] as relações entre linguagem e as performances identitárias que as pessoas recrutam para si mesmas [...]” (Moita Lopes, 2021, p. 236). A partir desse conceito, falar de ideologia de linguagem significa considerar também os corpos de quem diz, ou seja, a representação social dos falantes de uma dada língua. Ainda, conforme Moita Lopes (2013), “as ideologias de linguagem são múltiplas”, tal afirmativa é aceitável se considerado o caráter identitário dos falantes, assim aquilo que determinados grupos pregam como verdades absolutas a partir de suas vivências de mundo, não constituem necessariamente, uma realidade globalizada.

Nesse sentido, é preciso chamar a atenção para os vários grupos linguísticos que são compostos por ideologias diversas. De acordo com essa visão, nenhum signo linguístico é esvaziado de sentido. Ademais, para discutir acerca das ideologias de linguagem na contemporaneidade, é preciso considerar um novo conceito denominado por Heller (2010), como “ideologia de mercantilização da linguagem”. A autora observa que as demandas sociais, através do capitalismo globalizado, enxergam a linguagem como um produto para agregar valor a um

falante. Nessa visão capitalista da linguagem, destaca-se que as pessoas inseridas em posições hegemônicas são as mais beneficiadas, uma vez que, para essa concepção, as línguas dominantes são as que detêm valor de mercado.

Ainda, Gal e Irvine (2019) argumentam que a linguagem não pode ser percebida de maneira isolada, como um sistema de signos neutros, mas, sim, compreendida em articulação com as posições sociais que os falantes engendram. Com base nisso, cada linguagem apresenta marcas de diferenças, tais como: classe social, raça, etnia, geopolítica, história, política etc. A partir dessas diferenciações, grupos, povos e pessoas são hierarquizados ou marginalizados na modernidade. Sob essa perspectiva, Gal e Irvine (2019) apontam:

[...] os modos de concepção da linguagem e das práticas linguísticas... dependem das diferenciações: as diferenciações entre os signos, entre as posições sociais e os momentos históricos das pessoas, e entre os projetos que as pessoas empreendem (Gal; Irvine, 2019, p.1, tradução nossa).

Como argumentam as autoras, as ideologias de linguagem são práticas situadas, o que significa que a linguagem está profundamente entrelaçada aos fatores históricos, culturais e políticos dos falantes. Em consonância com essa perspectiva, Silva (2019) critica as ideologias linguísticas e semióticas liberais ocidentais, apontando, ao mesmo tempo, a tradição estruturalista⁶ como uma das raízes da desmaterialização do signo. Nesse sentido, Silva (2019) enfatiza que “[...] a força da tradição secular da liberdade de expressão, uma ideologia semiótica que atribui a palavras e imagens uma função representacional em vez de corpórea e afetiva” (Silva, 2019, p. 97). Enquanto Silva (2019) evidencia a perspectiva liberal que desloca a linguagem do corpo e da afetividade, Gal e Irvine (2019) destacam que, na prática social, o signo linguístico também está vinculado à identidade dos falantes, sendo materializado em contextos específicos.

A partir dessa articulação, percebe-se que as ideologias de linguagem se configuram como mecanismos dinâmicos de construção e estabilização social, especialmente por meio de três processos semióticos: rematização, recursividade fractal e apagamento, que permitem naturalizar certas formas de uso, reproduzir hierarquias e invisibilizar práticas linguísticas marginalizadas. A seguir, será apresentada a conceitualização desse tripé que sustenta as ideologias de linguagem.

A rematização consiste em associar o signo linguístico à imagem social que o falante representa, fazendo com que esse signo seja percebido como um símbolo natural inerente ao indivíduo. Por exemplo, a língua padrão é frequentemente vista como a única forma “correta” de falar; o sotaque do Sul e do Sudeste é naturalizado como ícone de “falar bem/bonito”; e o discurso de uma pessoa rica e branca tende a ser mais legitimado socialmente. Por outro lado, ideologias que valorizam a diversidade linguística são colocadas como inferiores e desvalorizadas. Um exemplo disso é a associação do sotaque nordestino ao falar “errado”, ao atraso, ao analfabetismo e a diversos outros aspectos negativos.

A recursividade fractal ocorre por meio de processos dicotômicos em determinados contextos, quando uma hierarquia linguística se sobrepõe à outra. Tais diferenciações podem ser projetadas em grandes e pequenas escalas, formando grupos de “valor” em oposição a grupos “sem valor”. Assim, quando hierarquias

⁶ A tradução estruturalista é uma abordagem fundamentada no estruturalismo linguístico, especialmente nas ideias de Ferdinand de Saussure, que compreende a língua como um sistema organizado de relações internas.

ideológicas são reproduzidas em diferentes escalas, a oposição entre língua padrão e não padrão, por exemplo, é replicada em diversos níveis (região, raça, classe, entre outros). Desse modo, esse processo semiótico mostra-se responsável por perpetuar e consolidar grupos hegemônicos, ao mesmo tempo que promove a desvalorização daqueles que são marginalizados.

O apagamento é um fenômeno visto e sentido cotidianamente na sociedade. Ele consiste em apagar, de maneira simbólica ou material, grupos, povos e pessoas por não se moldarem aos padrões normatizadores. Amparadas nos estudos de Gal e Irvine (2000), Biondo e Buin (2021) afirmam que “é por meio da ideologia, em sua capacidade de simplificar o campo sociolinguístico, que se torna possível o apagamento (Irvine; Gal, 2000 *apud* Biondo; Buin, 2021, p. 302). Nessa perspectiva, a heterogeneidade linguística é considerada um problema e, por isso, pretende-se excluir as ideologias de diversidade da linguagem.

Considerando o exposto, é possível compreender que as ideologias de linguagem operam de forma complexa e profundamente enraizada nas relações históricas, culturais e sociais que atravessam as práticas enunciativas. Os processos semióticos descritos por Gal e Irvine (2019) esclarecem, de modo teórico e aplicado, as dinâmicas pelas quais determinados grupos são hierarquizados, marginalizados ou apagados. Assim, observa-se que a linguagem não é neutra e que múltiplas ideologias coexistem e disputam sentidos, como aponta Moita Lopes (2013). Diante disso, apresentam-se, a seguir, dois eixos fundamentais: as ideologias de normatização da linguagem e as ideologias de diversidade linguística, para aprofundar essa discussão.

2.1 Ideologia de normatização da linguagem

A tentativa de legitimar normas padronizadoras de uma língua materna, especialmente no caso da língua portuguesa, não ocorreu de maneira despretensiosa nem teve como objetivo apenas unificar a nação. Ao contrário, as políticas linguísticas são atravessadas por relações de poder a fim de beneficiar uma camada social privilegiada, seja por fatores de classe, raça ou gênero. Conforme afirmam Rodrigues e Nascimento (2020, p. 25), ao indicarem que “as políticas linguísticas podem ser concebidas como construções ideológicas que refletem e (re)produzem as relações de poder dentro da sociedade”. Para os autores, a ideologia do monolinguismo, por exemplo, está vinculada a concepções como “união” e “Estado”, sustentando a noção de uma língua única capaz de representar todas as pessoas. Contudo, essa ideia de língua hegemônica e homogênea não implica representatividade; ao contrário, produz exclusão, marginalização e apagamento das múltiplas formas de linguagem existentes.

Nessa perspectiva, a padronização da língua atende a uma demanda neoliberal capitalista. No âmbito da escrita, privilegia grupos socialmente prestigiados, não por critérios de acessibilidade ou neutralidade, mas por atender aos interesses e à conveniência da elite dominante. Assim, “essa consolidação de uma nação, de uma identidade nacional, de uma língua nacional, é o reflexo de uma estrutura de poder que tenta apagar gêneros, raças, classes e línguas” (Rodrigues; Nascimento, 2020, p.25). Sob essa ótica, é possível perceber o caráter identitário e ideológico da linguagem, e não apenas seu funcionamento como uma via de comunicação neutra.

Consoante a essa visão teórica, Inhoti (2022, p. 54) afirma que, “este conceito de língua centralizou, racializou, hierarquizou, marginalizou e discriminou regiões,

características linguísticas, povos e, evidentemente, pessoas”. Segundo a autora, essa concepção de língua nacional ou língua-padrão, sustentadas principalmente por instituições de poder como escolas, documentos oficiais e Estado, simultaneamente construiu e reforçou ideologias do “saber falar”, “língua correta”, em oposição a ideologias que rotulam o “falar errado”, associadas às demais diversidades linguísticas. Por isso, neste trabalho, também busca-se observar como a língua funciona como um marcador racial e instrumento de poder, capaz de silenciar vozes e corpos. Nesse sentido, Biondo e Buin (2021) observam que:

Dessa forma, não há como pensar em ideologia linguística sem pensar em poder. É a estruturação do poder como posse que termina por definir o que é mais ou menos aceitável em termos de língua, o que tem maior ou menor valor, a depender das perspectivas culturais, políticas, econômicas e identitárias que estão em jogo (Biondo; Buin, 2021, p. 300).

Assim, como afirmam as autoras, as relações de poder que atravessam e constituem a língua são responsáveis por categorizar formas aceitáveis e valorativas de fala e escrita. Nesse processo, a posição social do falante torna-se essencial, quando se deseja por meio da linguagem, promover julgamentos excludentes e marginalizar determinados grupos linguísticos, ou seja, pessoas. Desse modo, a língua nacional e o monolinguismo não se dão de forma neutra, como afirma (Moita Lopes, 2013, p.105) são “invenções disciplinares e políticas”. É fundamental, portanto, reconhecer os atravessamentos de poder que sustentaram e ainda sustentam esse processo de padronização e homogeneização linguística.

2.2 Ideologia de diversidade da linguagem

No que tange à ideologia de diversidade da linguagem, não se pretende tratá-la de forma reducionista, restringindo-a apenas aos diferentes modos de falar uma língua a partir de marcadores geográficos. O termo “diversidade” remete à noção de pluralidade. Considerando que língua, cultura e identidade são dimensões correlatas, implica reconhecer, conforme afirma Moita Lopes (2006), que a linguagem constitui uma prática social indissociável dos contextos culturais e identitários dos falantes.

Desse modo, ao ampliar o conceito de diversidade da linguagem para além dos diferentes sotaques regionais, considera-se as múltiplas línguas que emergem dos vários grupos sociais que coexistem em um mesmo espaço, tais como raça, etnia, gênero, sexualidade e classe social. Nessa perspectiva, a linguagem produzida por esses grupos está entrelaçada a ideologias diversas. Ao produzir linguagem, seja falada ou escrita, produzem-se também sentidos, constituindo identidades que podem tanto reforçar quanto tensionar sistemas e padrões estabelecidos.

Nesta discussão, é pertinente retomar o processo semiótico de apagamento (Gal; Irvine, 2019) para exemplificar como ele funciona na prática. Assim, podemos inferir que o conjunto de línguas que não compartilha do sistema de regras estabelecido pelas ideologias de normatização linguística, vivenciam diariamente a desvalorização, a invisibilização e marginalização, não apenas de sua língua, mas também de sua identidade racial e social. Desse modo, as ideologias de diversidade da linguagem resistem ao risco iminente de apagamento.

Entretanto, a linguagem também pode ser empregada como ação contestadora. Um dos enfoques analíticos deste trabalho consiste em compreender

a linguagem humorística, especialmente por meio do sarcasmo, como estratégia de tensionamento de discursos machistas associados a ideologias de normatização linguística no *Instagram*. As práticas discursivas analisadas são produzidas pela administradora da página @agessicaferreira, uma mulher negra e feminista que, em suas falas, utiliza frequentemente variantes linguísticas não padronizadas como forma de resistência, subvertendo o lugar de invisibilização imposto ao seu grupo social, marcado por classe, gênero e raça.

Para aprofundar esse fenômeno, as discussões se apoiam nos estudos de Tabacaru (2015), que compreende o sarcasmo como promoção do riso, mas também como um mecanismo de crítica explícita a um alvo/ouvinte com o intuito de desacreditar e ridicularizar determinados posicionamentos linguísticos. Segundo a autora, nas interações discursivas por meio do sarcasmo, haverá sempre um “vencedor”, que emite a crítica, e um “perdedor”, que a recebe. Ela afirma:

Nós focamos principalmente o modo como a Teoria da Superioridade e a Teoria da Incongruência explicam o sarcasmo, uma como uma linguagem agressiva e uma atitude que o falante poderá mostrar diante de um interlocutor, e a outra em termos de incompatibilidade entre significados diferentes que são gerados nas falas sarcásticas. Desta forma, por um lado, o sarcasmo implica algum tipo de alvo ou vítima de um escárnio explícito por parte do falante e, por outro lado, expressa um pensamento “oposto” (incongruente) ao que o falante mostra em seu comportamento (Tabacaru, 2015, p.124).

Sob essa ótica, o presente estudo analisa a linguagem sarcástica a partir de dois aspectos teóricos: o da Superioridade e o da Incongruência. Destaca-se que a autora não busca excluir uma ou outra teoria, mas demonstrar que ambas se complementam na constituição do sarcasmo. Por um lado, a Teoria da Superioridade é considerada mais agressiva, uma vez que critica um alvo ou ouvinte de forma explícita durante o discurso. Por outro lado, a Teoria da Incongruência volta-se para os significados que se deseja construir nas práticas enunciativas. Ademais, a Incongruência é responsável por promover o riso, manifestado por meio de cortes nas falas e respostas inesperadas. Segundo Tabacaru (2015), é nesse ponto que se produz a diversão acompanhada da ridicularização do alvo.

Dessa forma, a linguagem sarcástica funciona como ferramenta de resistência, permitindo tensionar estruturas hegemônicas, como ideologia machista e de normatização linguística. Historicamente, a imposição de uma única forma de falar buscou homogeneizar a nação e apagar culturas, histórias e pessoas, tratando a variação linguística como um problema a ser corrigido (Inhoti, 2022). Esse processo é responsável por reforçar estereótipos, promover exclusões e legitimar desigualdades.

Assim, conforme destaca Tabacaru (2015), o sarcasmo emerge como um recurso estilístico potente para desestabilizar discursos dominantes. Desse modo, ao mesmo tempo em que se busca “vencer” um alvo, o sarcasmo expõe as incongruências presentes em discursos hegemônicos. Posto isso, no próximo tópico investiga-se de que maneira o machismo se correlaciona com as ideologias de linguagem, funcionando como mecanismo de desvalorização das mulheres no contexto do *Instagram*.

3 IDEOLOGIA MACHISTA E SUA CORRELAÇÃO COM AS IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM NO *INSTAGRAM*

A ideologia machista tem sido sustentada por práticas discursivas que operam por meio da linguagem, amparada, sobretudo, por ideologias hegemônicas. Desse modo, o machismo se materializa no sexismo e na misoginia como formas de inferiorizar, subalternizar, silenciar, controlar e, em última instância, matar mulheres. Tal processo é sustentado pelo sistema patriarcal que, segundo hooks (2004), “é um sistema político-social que insiste que os homens são inerentemente dominadores, superiores a tudo e a qualquer um considerado fraco, especialmente mulheres [...]”. (hooks, 2004, p.31). Sob esse olhar, esse sistema pretende naturalizar a “virilidade”, a “inteligência” e a “força” masculina a partir de fatores biológicos.

Em oposição a essa biologização da superioridade masculina, Beauvoir (1970, p.55) afirma que “desde que aceitamos uma perspectiva humana, definindo o corpo a partir da existência, a biologia torna-se uma ciência abstrata; [...]”. De acordo com essa premissa, a autora não pretende invalidar os fatores biológicos, todavia, defende que somente os aspectos fisiológicos não são suficientes para explicar a naturalização da “força” masculina.

Desse modo, Beauvoir (1970) considera que é na dimensão existencial, nas vivências, na história, na cultura e nos contextos sociais que se constroem os significados de ser homem ou mulher. De acordo com essa visão teórica, os lugares de submissão, desvalorização, culpabilização, entre tantos outros fatores negativos atribuídos à mulher, advém de narrativas criadas com base em “mitos” históricos. Assim, estruturas sociais como a família e a religião, apropriaram-se de tais narrativas para controlar corpos e construir padrões de gênero, com papéis preestabelecidos para o masculino e o feminino, em que a mulher ocupou a posição de inferioridade social.

Aprofundando esse pensamento, Butler (2008, p.27) afirma que “seria razoável suspeitar que algumas restrições lingüísticas comuns ao pensamento tanto formam como limitam os termos do debate”. Como observa a autora, as próprias estruturas linguísticas são responsáveis por moldarem e regularem os modos de significar os termos que utilizamos, assim, definindo aquilo que pode ser dito e por quem. Essa perspectiva permite compreender, por exemplo, a regulação sobre os modos de falar das mulheres, frequentemente pautada por uma ideologia machista que busca controlar, deslegitimar e inferiorizar corpos e vozes femininas.

Com base nesse entendimento, é possível compreender as interseccionalidades que perpassam a linguagem, além disso, seu poder excludente e contestante em disputas simbólicas. Assim, como aponta Moita Lopes (2006) a partir de uma visão contemporânea da Linguística Aplicada, a linguagem de grupos minoritários – como o das feministas –, utilizam o poder que emana da linguagem para reivindicarem seu lugar na sociedade. Entretanto, é fundamental discutir acerca dos privilégios e hierarquias presentes nessa classe. A respeito disso, hooks (2015) chama a atenção para o fato de que, o machismo não é sofrido pelo gênero feminino de forma homogênea. Conforme essa premissa:

Como grupo, as mulheres negras estão em uma posição incomum nesta sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condição social geral é inferior à de qualquer outro grupo. Ocupando essa posição, suportamos o fardo da opressão machista, racista e classista (hooks, 2015, p.207).

Nessa conjuntura, as questões de raça e classe social evidenciam que a mulher negra sempre esteve em condição de subalternização, em contraste com os privilégios continuamente desfrutados pela supremacia branca. Assim, na mesma

proporção em que sofre as consequências da ideologia machista, a mulher negra também enfrenta o racismo, seja ele estrutural, linguístico ou individual, uma vez que, historicamente, esteve relegada a um lugar de marginalização social.

Para estreitar ainda mais as correlações entre ideologias de linguagem e machismo, é imprescindível retomar aqui um dos processos semióticos que constroem e sustentam ideologias de linguagem: “recursividade fractal” (Gal; Irvine, 2019). Esse processo ocorre quando uma hierarquia ideológica é replicada em escalas menores. Considerando o marcador social gênero, há uma hierarquização na forma de uso da linguagem das mulheres brancas sob as mulheres negras (hooks, 2015). A partir disso, percebe-se o processo de recursividade fractal, conforme apontam Gal e Irvine (2019), em que as mulheres brancas têm seus discursos valorizados e validados por estarem inserida em espaços privilegiados.

Em contrapartida, as mulheres negras ocupam um lugar de marginalização social e têm sua linguagem deslegitimada, frequentemente vista como “errada” quando não adere ao padrão de homogeneidade linguística. Com isso, não apenas suas falas são invalidadas, mas também seus corpos.

Desse modo, a linguagem, na perspectiva da Linguística Aplicada contemporânea (Moita Lopes, 2006), configura-se como elemento central, uma vez que, de acordo com essa visão teórica, linguagem, cultura e identidade são termos correlatos. Assim sendo, a ideologia machista, associada às ideologias de linguagem normatizadora, atua na propagação de discursos sexistas e misóginos, sendo o *Instagram* um espaço virtual que amplia a circulação e a ressignificação dessas práticas discursivas.

3.1 O machismo como discurso de ódio no *Instagram*

Evidentemente, o espaço cibernético vem ressignificando as interações sociais contemporâneas. As redes sociais digitais apresentam-se como cenários privilegiados das práticas enunciativas. Esses ambientes não atuam apenas como ferramentas tecnológicas para interligar pessoas, mas como espaços férteis para múltiplas leituras e distintos posicionamentos ideológicos. Nesse contexto, o *Instagram*, enquanto uma das plataformas centrais desses processos interacionais, também opera na propagação de discursos de caráter machista. Sobre essa questão, Trindade (2022) esclarece:

Primeiramente, entendo ser pertinente explicar, logo de início, que discurso de ódio se caracteriza pelas manifestações de pensamentos, valores e ideologias que visam inferiorizar, desacreditar e humilhar uma pessoa ou um grupo social, em função de características como gênero, orientação sexual, filiação religiosa, raça, lugar de origem ou classe. Tais discursos podem ser manifestados verbalmente ou por escrito, como tem sido cada vez mais frequente nas plataformas de redes sociais (Trindade, 2022, p. 8).

De acordo com o autor, é possível inferir que o ato de deslegitimar, inferiorizar e marginalizar mulheres por meio de postagens e comentários em plataformas digitais, como o *Instagram*, não deve ser entendido como liberdade de expressão, mas como prática de discurso de ódio sustentada pela ideologia machista. Assim, quando sujeitos amparados em ideologias de linguagem normatizadoras associadas à ideologia machista proferem enunciados como: “o vocabulário dela é pior que vocabulário de homem”, “mulher precisa falar baixo”, “mulher não pode gesticular muito”, constata-se nessas falas, comportamentos sexistas e misóginos no espaço cibernético.

Ademais, para compreender melhor esses processos interacionais no âmbito midiático, retoma-se o conceito de Lévy (2011), para quem “[...] o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual” (Lévy, 2011, p. 16). De acordo com essa premissa, as interações virtuais não são menos validadas do que aquelas que ocorrem de maneira presencial. O autor ressalta que a virtualidade se diferencia do atual, pois não é estática e nem imutável, mas, passível de novas ressignificações uma vez que se atualiza constantemente.

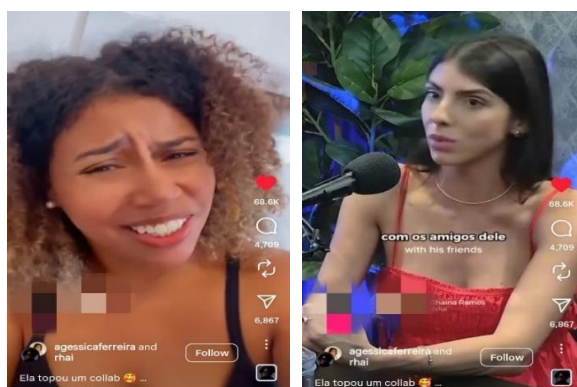
De encontro a esse olhar teórico, especificamente no *Instagram*, a ideologia machista materializa-se através das postagens no *feed*, *story* e comentários. Com isso, a cada nova interação feita pelos usuários dessa rede social digital, esses discursos de ódio ganham novas ressignificações. Conforme Lévy (2011), o virtual destaca-se pela velocidade e amplitude, potencializando a repercussão das práticas discursivas, podendo intensificar estereótipos e fortalecer a ideologia machista, por exemplo. Posto isso, o próximo tópico analisará de que maneira a linguagem, a partir do sarcasmo, promove práticas de resistência aos discursos machistas que são associados às ideologias de normatização da linguagem, no *Instagram*.

4 IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM: ESTRATÉGIAS LINGÜÍSTICAS E MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA NO *INSTAGRAM*

Tendo em vista o posicionamento crítico da Linguística Aplicada contemporânea, percebe-se a urgência em analisar os contextos reais dos falantes, especificamente “estudos feministas, estudos *queer*, estudos sobre negros, estudos afro-asiáticos etc” (Moita Lopes, 2006, p. 97). Diante disso, analisa-se, a partir de agora, três *reels* publicados no ano de 2024 e 2025 na página *@agessicaferreira* - perfil do *Instagram* administrado por uma mulher negra e feminista que ressignifica o espaço digital como território político e de resistência. Através da linguagem humorística, especialmente pelo sarcasmo (Tabacaru, 2015), essa mulher subverte padrões linguísticos/semióticos historicamente impostos à sua raça, classe e gênero. Com isso, tensiona discursos hegemônicos que delimitam o que pode ou não ser dito por determinados sujeitos, sobretudo, mulheres.

4.1 “Eu falo três idiomas”: ideologia de mercantilização da linguagem

Figura 1 - Reels 1



Fonte: página *@agessicaferreira* (2024)⁷.

⁷

Reels disponível em:

<https://www.instagram.com/reel/C5l-rkxvf5f/?igsh=MWpvOXQzY2MxZ3l5aA==> . Acesso em: 08 mar. 2025.

Quadro 1 - Transcrição das falas do reels 1

Fala 1	Um homem que vai conseguir ver meu valor... sabe quem é?
@agessicaferreira	Como assim? Tão vendendo pessoas? Quanto é o quilo?
Fala 1	Eu falo três idiomas.
@agessicaferreira	E se ele quiser falar sobre... o caminho do alimento no sistema digestório.
Fala 1	Porque ele precisa de uma mulher elegante para estar do lado dele. Que não vai tirar o valor dele... vai aumentar o valor dele. Porque um rei precisa de uma rainha.
@agessicaferreira	Mas será que essa rainha precisa desse rei? Esse rei é rei mesmo? Nem tem reino... às vezes tem uma vilinha e tá achando que é rei, hein?

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Pela ótica do enunciado da Fala 1, “falar três idiomas” é “ter valor”; “é ser uma mulher elegante”, que “aumenta o valor de um homem”; “é ser rainha”. Com base nesse discurso hegemônico, é possível identificar, por meio da Fala 1, o processo de rematização (Gal; Irvine, 2019), que consiste em associar a imagem social do falante ao signo linguístico utilizado. Especificamente, a mulher que profere o enunciado da Fala 1, é da raça branca e de classe média alta. Além disso, ela utiliza uma linguagem normativa, possui sotaque sudestino e domínio de outros idiomas - interseccionalidades naturalizadas como símbolos de “linguagem de prestígio”, “falar corretamente”, “inteligência” e “elegância”. Assim, sua imagem é alçada ao posto de “rainha” e de “mulher de valor”, em oposição e contraste às chamadas “mulheres sem valor”. Desse modo, esse discurso contribui para a manutenção de hierarquias linguísticas que, aliadas à ideologia machista, reforçam desigualdades e marginalizam grupos minoritários.

Nesse contexto, embora a mulher que profere o enunciado da Fala 1 se enquadre na categoria de gênero historicamente vitimizada pelo machismo, sua condição privilegiada de raça branca contribui para promover a desvalorização de mulheres negras (hooks, 2015, p. 208). Assim, o discurso analisado pauta-se nas ideologias de linguagem hegemônica para legitimar seu próprio valor social, ao mesmo tempo em que desvaloriza mulheres que, por razões diversas, não conseguem atender às exigências linguísticas impostas pela elite dominante. Além disso, o enunciado “Eu falo três idiomas” também revela o caráter mercadológico da língua, voltado a suprir as demandas do capitalismo globalizado, conforme aponta Heller (2010) ao discutir as “ideologias de mercantilização da linguagem”. Com isso, a língua passa a ser tratada como um produto valorativo, funcionando como parâmetro para medir o valor social de uma pessoa.

Em uma abordagem contestadora da linguagem, a página @agessicaferreira utiliza o humor regado pelo sarcasmo, que a partir de uma perspectiva crítica desse recurso estilístico tensiona estruturas linguísticas e patriarcais presentes no discurso dominante da Fala 1. Isso evidencia-se nos seguintes enunciados: Fala 1: “Eu falo três idiomas” / @agessicaferreira: “E se ele quiser falar sobre o caminho do alimento no sistema digestório? percebe-se aqui, uma resposta incongruente. A partir disso, há uma quebra de expectativa, uma vez que, o falante esperava uma reafirmação do seu enunciado por parte do destinatário. Tabacaru (2015) explica que, nesse contexto, além de promover o riso, a teoria da Incongruência produz um

efeito discursivo que tem por finalidade desviar o foco, no caso da façanha de “falar três idiomas”, mostrando sua irrelevância no momento da relação afetiva. Também como discorrido neste estudo, compreende-se que as ideologias de linguagem não são constituídas como verdades absolutas, mas passíveis de contestações.

Simultaneamente, através da teoria da Superioridade (Tabacaru, 2015), a @agessicaferreira efetua uma crítica explícita ao seu alvo (Fala 1) ao proferir o seguinte enunciado: “Mas será que essa rainha precisa desse rei? Esse rei é rei mesmo? Nem tem reino... às vezes tem uma vilinha e tá achando que é rei, hein?”. Ao associar a imagem do homem a figura imponente de um rei, “Porque um rei precisa de uma rainha”, a Fala 1 pauta-se em valores patriarcais para enfatizar o “poder” e a “força” que o homem exerce tal qual um “rei”, em detrimento da inferiorização e dependência feminina como “rainha”. Todavia, a @agessicaferreira subverte lugares de fala ao colocar-se em posição de superioridade discursiva. Isso ocorre por meio da inversão hierárquica no momento em que ela questiona a existência desse “rei”, desse modo, descentraliza essa verdade. Com isso, expõe a fragilidade do discurso dominante e o desestabiliza, ao mesmo tempo, comprova que a linguagem humorística, especificamente sarcástica, não é apenas risível.

4.2 “Só que o vocabulário dela, cara... é pior que vocabulário de homem, mano!”: ideologia de diversidade da linguagem

Figura 2 - Reels 2



Fonte: página @agessicaferreira (2024)⁸.

Quadro 2 - Transcrição das falas do reels 2

Fala 2	Vocês gostam de mina que fala igual homem?
@agessicaferreira	Acho que eles preferem que falem o mesmo idioma né? Fale né?!
Fala 2	Ele tá se envolvendo com uma gata... que ela realmente é gata! Só que o vocabulário dela, cara... é pior que vocabulário de homem, mano!
@agessicaferreira	Ela mia?
Fala 2	A gata que ele fica chama ele de “parceiro”! Como é que cê tá se envolvendo com uma mina mano, que tem uma alma... que tem uma áurea... que é mais masculina que a sua!?

⁸ Reels disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C9r6h11OBpC/?igsh=MXdicmZjdG5oejhyaQ==>. Acesso em: 08 mar. 2025.

@agessicaferreira	Qualquer mulher tem a alma mais masculina que a desse menino, tá bom!?
-------------------	--

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Ao analisarmos os enunciados da Fala 2; “Vocês gostam de mina que fala igual homem” / “Só que o vocabulário dela, cara...é pior que vocabulário de homem, mano!”, percebe-se nesses discursos, a mobilização de ideologias de diversidade da linguagem especialmente de caráter generificada. Considerando a categoria gênero, constata-se uma hierarquia masculina que busca estabelecer tipos de falas específicas para o homem e para a mulher. Essa dicotomização da linguagem, nesse contexto, revela a ascensão masculina em detrimento da desvalorização feminina, ao reafirmar normas machistas do que é “falar como mulher”, normas essas, sustentadas por ideologias machistas. Também, evidencia-se os privilégios linguísticos desfrutados pelo gênero masculino, ao transitarem sem nenhuma penalidade por diversas variantes de uma língua. O enunciador que profere o discurso dominante utiliza uma linguagem regada por gírias, ao mesmo tempo em que inferioriza mulheres que as utilizam.

Percebe-se como hierarquias linguísticas são reproduzidas em escalas cada vez menores via recursividade fractal (Gal; Irvine, 2019). Assim, a Fala 2 denuncia uma sociedade afetada pela ideologia machista, que associada às ideologias normatizadoras da linguagem promovem a exclusão de grupos minoritários. Nessa perspectiva, nota-se que as relações de poder atravessam a linguagem (Biondo; Buin, 2021, p. 300). Desse modo, o enunciador do discurso sexista ancora-se em sua imagem social privilegiada – raça branca, gênero masculino e sotaque sudestino, para validar sua fala, fatores esses que correspondem ao processo de rematização. Considerando tais aspectos, é possível constatar que muito além de crenças como afirma Inhoti (2022), ideologias são “visões e percepções” do mundo que se materializam através da linguagem. Nessa perspectiva, quando @agessicaferreira tensiona esse discurso dominante mostra que sua origem advém da ideologia machista, ou seja, concepções de mundo construídas pelo sistema patriarcal para atender uma parcela específica da sociedade – os homens.

Assim, em oposição às falas hegemônicas, @agessicaferreira fomenta tensionamentos ideológicos em um espaço de disputas simbólicas como o *Instagram*. Logo, a mulher negra e feminista, historicamente colocada em lugares de subalternização e apagamento reverte a lógica da superioridade masculina por meio do sarcasmo, como se observa em suas respostas: “Acho que eles preferem que falem o mesmo idioma né? Fale né?!”, “Ela mia?”, “Qualquer mulher tem a alma mais masculina que a desse menino, tá bom!?”. Ao adotar esse recurso estilístico, ela desloca a posição discursiva, de modo que o discurso dominante passa a ser dominado. Essa dinâmica é explicada pela teoria da Superioridade (Tabacaru, 2015), que se caracteriza pelo uso de uma crítica explícita para atingir um alvo. Simultaneamente a @agessicaferreira fragiliza e ridiculariza seu adversário (Fala 2). Dessa inversão, emerge também a vulnerabilização de ideologias normatizadoras, sendo postas não mais como verdades absolutas.

Também é possível identificar nas respostas da @agessicaferreira um efeito de Incongruência (Tabacaru, 2015), isto é, quebras de expectativas que rompem com a lógica do interlocutor. Um exemplo disso ocorre quando a Fala 2 almeja uma resposta de concordância à sua lógica discursiva pautada em ideologias machistas que estabelecem o lugar de submissão feminina. No entanto, a resposta sarcástica da criadora de conteúdo digital: “Qualquer mulher tem a alma mais masculina que a

desse menino, tá bom!?”), inverte a expectativa discursiva e desloca o “poder” do centro. Ao colocar em jogo a masculinidade do enunciador inicial, @agessicaferreira também ridiculariza a própria estrutura que sustenta os valores da ideologia machista, revelando o caráter performativo do gênero (Butler, 2008) e subvertendo as normas que sustentavam o discurso sexista inicial.

4.3 “É a mulher que fala baixo perante o público.”: ideologia de normatização da linguagem associada a ideologia machista

Figura 3 - Reels 3



Fonte: página @agessicaferreira (2025)⁹.

Quadro 3 - Transcrição das falas do reels 3

Fala 3	Posturas femininas que são vistas como positiva para um futuro casamento com essa mulher...
@agessicaferreira	Ahhh ... eu quero saber, hein! Eu quero casar com essa mulher!
Fala 3	Primeira postura: é a mulher que fala baixo perante o público.
@agessicaferreira	Nossa! Mas o pessoal da minha família era pra tá todo mundo solteiro, então?
Fala 3	Aquela mulher que não quer chamar atenção com palavreados, falando alto, gesticulando muito no meio de todo mundo...
@agessicaferreira	Nossa! Mas cês têm um <i>checklist</i> aí pra casar com a mulher! Com uns critérios bem importantes, né? Pro Brasil e pra humanidade! Eu acho que cês vão mudar o mundo – pra pior.
Fala 3	Ela se mantém na dela, mas não por tá sendo oprimida... mas porque ela sabe que isso é um traço de feminilidade.
@agessicaferreira	Nossa... então eu sou um cara. Esse cara sou eu!

Fonte: elaborado pela autora (2025).

A primeira fala do quadro acima evidencia o discurso dominante proferido por um homem negro, que descreve quais seriam as posturas femininas “adequadas” para um casamento: “é a mulher que fala baixo perante o público”, “Aquela mulher que não quer chamar atenção com palavreados, falando alto, gesticulando muito no meio de todo mundo...”, “Ela se mantém na dela, mas não por tá sendo oprimida...”

⁹Reels disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DGaXKBcut7M/?igsh=d21kdDFoejd0djJz>. Acesso em: 08 mar. 2025.

mas porque ela sabe que isso é um traço de feminilidade”. Segundo o enunciador, a mulher deve ajustar-se aos padrões sociais de regulação, submissão e inferiorização, sustentados por uma visão patriarcal.

Nesse contexto, a linguagem atua como reguladora de corpos; práticas como “falar baixo”, “não gesticular” e “não chamar atenção” são naturalizadas como comportamentos femininos. Todavia, Butler (2008), desconstrói esse argumento ao afirmar que o gênero é performativo, ou seja, constrói-se por meio de atos reiterados. Ainda, o enunciador mobiliza uma ideologia de normatização da linguagem e sotaque sudestino, que simboliza o “falar bem”, “falar correto”, conforme o processo semiótico de rematização (Gal; Irvine, 2019). Paralelamente, percebe-se o processo de apagamento (Gal; Irvine, 2019), quando tenta-se silenciar, marginalizar e invisibilizar mulheres que não seguem os padrões linguísticos estabelecidos pelo sistema patriarcal.

Nesse sentido, é possível constatar as correlações entre ideologias normatizadoras da linguagem e ideologia machista, quando deseja-se suscitar desigualdades e exclusões de grupos minoritários, sobretudo mulheres. Um ponto relevante a se destacar é que apesar do enunciador experimentar formas de marginalização racial, como afirma hooks (2015, p. 207), sua posição de gênero o coloca em situação de privilégio, possibilitando-lhe reproduzir e validar práticas sexistas. Percebe-se, portanto, que a inferiorização feminina está arraigada nas camadas mais profundas da sociedade.

Ao deslocar o olhar para a perspectiva de *@agessicaferreira*, pode-se compreender como sua estratégia discursiva, através da linguagem humorística, em especial pelo sarcasmo, tensiona ideologias hegemônicas. Isso evidencia-se nos enunciados: “Ahhh ... eu quero saber, hein! Eu quero casar com essa mulher!”, “Nossa! Mas o pessoal da minha família era pra tá todo mundo solteiro, então?”, “Nossa! Mas cês têm um *checklist* aí pra casar com a mulher!”. Podemos inferir que, *@agessicaferreira* realiza uma crítica aberta ao expor ao ridículo o enunciador da Fala 3, que, com seu discurso arcaico delimita uma lista de pré-requisitos para que a mulher consiga alcançar a aceitação de um homem. Nessa perspectiva percebe-se a linguagem normativa como parâmetro para medir as qualidades que a mulher precisa atingir. Todavia, *@agessicaferreira*, a partir de suas respostas sarcásticas consegue colocar-se como vencedora ao ridicularizar a Fala 3.

Atuando em conjunto, a teoria da Incongruência promove aqui uma incompatibilidade de sentidos. Assim, a interlocutora ao responder “Nossa... então eu sou um cara. Esse cara sou eu!”, rompe com a lógica do falante inicial que esperava por uma resposta que reafirmasse seu discurso hegemônico de “homem perfeito”. Nesse contexto, ao performar-se simbolicamente como essa figura masculina, *@agessicaferreira* revela o absurdo desse enunciado, com isso, expõe sua posição social de insubmissão e subversão por não atender às normas impostas a sua categoria de gênero, raça e classe.

Essas práticas de resistência promovida por *@agessicaferreira* ao mesmo tempo em que desestabilizam as hierarquias linguísticas e machista, também expõem o modo como o poder se manifesta através da linguagem em contextos reais de uso. Nesse sentido, os efeitos discursivos viabilizados pelo sarcasmo, opera como estratégia de enfrentamento às ideologias de normatização linguística, que associadas à ideologia machista, atuam na manutenção de desigualdades, no silenciamento e até no apagamento de grupos socialmente marginalizados como as mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo buscou-se compreender o fenômeno das ideologias de linguagem e sua associação com a ideologia machista no âmbito midiático. Para tanto, a pesquisa ancorou-se na perspectiva da Linguística Aplicada Indisciplinar contemporânea (Moita Lopes, 2006). Diante disso, constatou-se que os signos linguísticos devem ser compreendidos como práticas materializadas e ideologicamente situadas como afirmam Gal e Irvine (2019). Assim, linguagem e falante constituem termos correlatos que não podem ser dissociados; nesse sentido, cultura, gênero, raça, etnia, classe social, história e política configuram-se como aspectos essenciais para compreender as relações de poder que permeiam uma língua.

Buscou-se investigar como as ideologias de linguagem, associadas à ideologia machista, são mobilizadas em *reels* da página *@agessicaferreira*. Assim, nos *reels* postados, percebe-se que os sujeitos proferentes do discurso dominante ancoram-se em uma posição social privilegiada como a de mulher da raça branca, gênero masculino, classe econômica alta e sotaques das regiões Sul e Sudeste considerados de renome. Desse modo, ao associar essa imagem social dos falantes aos traços linguísticos utilizados constroem-se hierarquias. A página *@agessicaferreira* expõe como os discursos machistas se reproduzem através das ideologias de linguagem hegemônicas que buscam marginalizar mulheres que não atendem aos padrões linguísticos/semióticos de feminilidade historicamente impostos. A partir disso, nota-se as interseccionalidades entre ideologia de linguagem e ideologia machista no *Instagram*.

Ainda foi possível identificar nas postagens da página *@agessicaferreira*, ideologias de linguagem normatizadoras e de mercantilização da linguagem. Nesse contexto, o uso da norma-padrão e o domínio de outros idiomas, especialmente aqueles considerados de prestígio, passam a simbolizar mulheres elegantes e de valor, em oposição às mulheres sem “valor”, quando estas não correspondem aos padrões da hegemonia linguística. Identificou-se, ainda, a presença da ideologia machista, uma vez que o discurso dominante busca regular as performances linguísticas e semióticas das mulheres ao prescrever comportamentos alinhados aos padrões patriarcais, como, por exemplo, falar baixo, não gesticular e não utilizar gírias, entre outras exigências.

Neste trabalho, almejou-se ainda compreender de que forma a linguagem humorística, especialmente por meio do sarcasmo, promove práticas de resistência na página *@agessicaferreira*. Com base na análise dos três *reels*, constatou-se que a criadora de conteúdo digital, em um embate simbólico, tensionou os discursos machistas ao recorrer às teorias do sarcasmo por meio da Incongruência e Superioridade. Através desse recurso estilístico, expressou críticas abertas e incisivas às falas hegemônicas, promovendo uma quebra de expectativa que resultou tanto na ridicularização quanto na desestabilização dos enunciadores. Desse modo, subvertendo o lugar de subalternização e apagamento historicamente imposto à mulher negra.

Diante do percurso analítico desenvolvido, reafirma-se que o estudo alcançou o objetivo de analisar como as ideologias de linguagem e a ideologia machista são mobilizadas nos *reels* da página *@agessicaferreira*, considerando o *Instagram* como um espaço que tanto pode hierarquizar como contestar ideologias. Nessa perspectiva, verificou-se a mobilização de ideologias normatizadoras da linguagem na tentativa de validar e ampliar o discurso dominante como ideal e verdadeiro. Sob

esse olhar, performar uma fala e uma escrita padrão torna-se sinônimo de postura feminina elegante, educada e de valor; ou seja, a linguagem atua como um marcador que exclui ou hierarquiza mulheres. Por outro lado, a página *@agessicaferreira* mobiliza essas mesmas ideologias para expor absurdos e descredibilizar o discurso dominante por meio da linguagem humorística, especialmente pelo sarcasmo. Dessa forma, o espaço digital é transformado em um lugar de resistência, no qual a partir de uma linguagem política, o discurso normativo é tensionado e ressignificado.

Em face das análises realizadas, destaca-se a importância desta pesquisa para o campo da Linguística Aplicada, por propor uma análise crítica da linguagem que ultrapassa a estrutura textual, investigando contextos de uso. Tal relevância evidencia-se especialmente ao considerar contextos ressignificados por grupos minoritários, como mulheres negras e feministas, que utilizam o poder da linguagem como ação contestadora. Dessa forma, encerrar este estudo não significa concluir o debate, mas ampliá-lo. Assim, torna-se necessário continuar investigando como as ideologias de linguagem se associam à ideologia machista, bem como de que forma as interseccionalidades entre gênero, raça e classe se reconfiguram nas novas formas de interação social, como por exemplo, no espaço cibernético.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BIONDO, F. Ideologias de gênero e ideologias de lingua(gem) em páginas feministas do Facebook. **Alfa**, São Paulo, v. 63, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/11127/8481>. Acesso em: 20 mai. 2025.

BIONDO, F., BUIN, E. “Falar corretamente é poder”: Ideologias linguísticas, Ensino e Acolhimento. In: SILVA, W. R. (Org.). **Contribuições sociais da linguística aplicada: uma homenagem a Inês Signorini**. 1ª. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FERREIRA, G. . Veja o final. 23 de fevereiro de 2025. 3 *reels* (1min 47s). Publicado pela página do instagram *@agessicaferreira* (1m47s). Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DGaXKBcut7M/?igsh=d21kdDFoejd0djJz>. Acesso em: 08 mar. 2025.

FERREIRA, G. *@agessicaferreira*. [Perfil de Instagram]. Disponível em: <https://www.instagram.com/agessicaferreira?igsh=MXQzMWY3a2c5bnhhYQ==>. Acesso em: 20 mai. 2025.

FERREIRA, G. Ela topou um collab. Por favor, sem hate meus amores. 10 de abril de 2024. 2 *reels* (1min 8s). Publicado pela página do *instagram @agessicaferreira*. Disponível em:

<https://www.instagram.com/reel/C9r6h11OBpC/?igsh=MXdicmZjdG5oejhyaQ==>. Acesso em: 08 mar. 2025.

FERREIRA, G. Falando sério. Rio de Janeiro, 21 de julho de 2024. 1 *reels* (1min 23s). Publicado pela página do *instagram* @agessicaferreira. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C5l-rkxvf5f/?igsh=MWpvOXQzY2MxZ3l5aA==> . Acesso em: 08 mar. 2025.

GAL, S.; IRVINE, J. T. **Signs of difference**: Language and ideology is social life. Cambridge, RU: Cambridge University Press, 2019.

HELLER, M. The commodification of language. **Annual Review of Anthropology**, v. 39, p. 101-114, 2010. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev.anthro.012809.104951>. Acesso em: 20 mai. 2025.

HOOKS, B. **A disposição para mudar**: homens, masculinidade e amor. Tradução de Milena M. Moretin. Clube de Leitura Trem da Ângela, n.222, 2004.

HOOKS, B. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. Tradução de Roberto Cataldo Costa. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 16, p. 193 – 210, jan./ abr. 2015.

INHOTI, A. A. **“O mundo acadêmico é bem diferente do que pensamos”**: ideologias de linguagem em práticas de letramento acadêmico de alunos do curso de Letras de uma universidade pública potiguar. 2022. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-graduação em Letras, Maringá, 2022.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011.

LUCHI, F. **As 10 redes sociais mais usadas no Brasil em 2024**. ADVS/SC., Santa Catarina, 16/09/2024. Disponível em: <https://advbsc.com.br/artigo/as-10-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-em-2024/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 4ª.ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Português no século XXI**: Cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MOTA LOPES, L. P. Presidente ou presidenta? Ideologias linguísticas e embates metapragmáticos. In: SILVA, Wagner Rodrigues. (Org.). **Contribuições sociais da linguística aplicada**: uma homenagem a Inês Signorini. 1ª. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

RODRIGUES, J. A.; NASCIMENTO, A. M. do. Políticas linguísticas no Brasil: monolinguismo e padronização da língua. *Revista Coralina*, Cidade de Goiás, v. 3, n. 1, p. 18-33, jul. 2020.

SILVA, D. N. Signos Injurosos: Saba Mahmood, os cartuns dinamarqueses e o debate sobre ideologias linguísticas. In: **Debates do NER**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, ano 19, n. 36, ago./dez. 2019.

TABACARU, S. Uma visão geral das teorias do humor: aplicação da incongruência e da superioridade ao sarcasmo. Tradução de Douglas Rabelo de Sousa, Maria Gabriela Rodrigues de Castro, Winola Weiss Pires Cunha e Filipe Mantovani Ferreira. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 9, p. 115-136, dez. 2015.

TRINDADE, L. V. **Discurso de ódio nas redes sociais**. 1ª ed. São Paulo: Jandaíra, 2022.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de externar a minha gratidão, em primeiro lugar, a Deus. Se não fosse a fé e a certeza de que o Senhor esteve e está sempre comigo, eu não teria conseguido. Deus, lembra das vezes que me ajoelhei implorando por uma segunda chance de cursar uma graduação, especificamente na UERN? Pois é, o Senhor me ouviu. Lembra também que prometi que, se eu conseguisse ingressar na faculdade, iria me dedicar? Então... eu dei o meu máximo e o Senhor chegou com o milagre. Obrigada por não soltar a minha mão. Quem como Deus? Ninguém como Deus!

Quero agradecer aos meus filhos – Lucas e Malu –, vocês foram o meu combustível nessa trajetória acadêmica. Meu menino-homem Lucas, você se fez rede de apoio. Obrigada pelas inúmeras vezes que cuidou da sua irmã enquanto eu estudava, pelo orgulho que sente em falar para seus amigos: “minha mãe faz faculdade”. Eu te amo infinitamente. Minha filha Malu, obrigada por ser tão compreensiva, parceira e por vibrar com as minhas pequenas e grandes conquistas. Você esteve comigo em todos os momentos dessa trajetória, dentro e fora dos muros da universidade. Esse diploma é nosso!

Sou imensamente grata a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, me ajudaram nesse processo. Agradeço ao meu marido pelo suporte financeiro à nossa família. Minha irmã Edigleuma, você contribuiu para minha formação docente, todas as vezes que cuidou de Malu. Minha mãe Lenira, obrigada pelas orações e por externar seu orgulho ao me ver realizando o sonho de me formar.

Sou grata à instituição CAP/UERN, especialmente ao curso de Letras – Língua Portuguesa. Aos professores queridos que contribuíram para minha formação docente, vocês souberam transmitir conhecimento de forma humana. À minha professora e orientadora, Dra. Aline Almeida Inhoti, muito obrigada por ter confiado e acreditado em mim quando eu mesma não acreditei. Você é uma profissional humana, empática, respeitosa, incentivadora... O seu modo de ensinar é inspirador. Se eu tivesse que resumi-la em uma palavra, seria: acolhimento. Gostaria também de externar a minha gratidão à banca examinadora, composta pelas professoras Dra. Marlene Nieuhes Gasparin e Dra. Luciana Fernandes Nery, pelo

tempo dedicado à leitura deste trabalho. Tenho certeza de que todos os apontamentos realizados contribuirão para o aprimoramento deste TCC.

Minha duplinha e amiga, Mila Calixto, você é um presente que a faculdade me proporcionou. Saiba que, sem você teria sido bem mais difícil. A parceria que construímos ao longo da jornada acadêmica é algo que poucos conseguem. Compartilhamos momentos de alegria, mas também de dor, e nunca soltamos a mão uma da outra. Por tanta cumplicidade, a nossa amizade atravessou os muros da universidade.

Ao meu grupinho formado por: Emilayne, Ana Vitória, Milla Rayane e Taís, vocês tornaram a universidade leve e alegre. Conseguiram arrancar de mim os risos mais sinceros. Aqui encerramos uma fase, mas desejo que a nossa amizade perdure e que possamos nos reencontrar sempre!